

CAPÍTULO 15

ESCOLAS RURAIS NO ACRE: O DESMONTE DA EDUCAÇÃO EM MEIO AO NEOLIBERALISMO ESCOLAR



<https://doi.org/10.22533/at.ed.3681725090615>

Data de aceite: 02/07/2025

Tamara Cecília Rangel Gomes

Crisóstomo Lima do Nascimento

RESUMO: Este artigo investiga a precarização da educação rural no Acre, usando como estudo de caso a “escola sem parede” em Bujari. O objetivo é analisar como o neoliberalismo escolar contribui para essa situação, compreendendo as perspectivas de pais, professores e gestores públicos, e ressaltando a urgência de uma redefinição do papel da educação. A metodologia envolveu a análise de uma reportagem do Fantástico/G1 sobre as condições insalubres da escola, além das declarações de autoridades educacionais. O referencial teórico baseia-se em István Mészáros, que vê a educação atrelada ao capital e geradora de desigualdades, e em Edgar Morin, que enfatiza a necessidade de uma educação transformadora para as incertezas da vida. O neoliberalismo escolar é apontado como um fator que, ao promover descentralização e privatização, agrava a falta de infraestrutura e investimentos nas escolas rurais. As conclusões apontam

que a precariedade educacional no Acre é resultado da omissão estatal e da lógica neoliberal, que transfere responsabilidades e perpetua a desigualdade. A manutenção de aulas em condições inadequadas, sob a justificativa do calendário, evidencia a desconexão entre as políticas e a realidade. O artigo defende a necessidade de romper com as amarras do capital para que a educação se torne um instrumento de emancipação e desenvolvimento pleno.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Rural; Neoliberalismo Escolar; Discursos.

RURAL SCHOOLS IN ACRE: THE DISMANTLING OF EDUCATION AMIDST SCHOOL NEOLIBERALISM

ABSTRACT: This article investigates the precariousness of rural education in Acre, using the “school without walls” in Bujari as a case study. The goal is to analyze how school neoliberalism contributes to this situation, understanding the perspectives of parents, teachers, and public managers, and highlighting the urgent need for a redefinition of education’s role. The methodology involved analyzing a Fantástico/G1 news report about the school’s unsanitary conditions, in addition to statements from educational

authorities. The theoretical framework draws on István Mészáros, who views education as tied to capital and a generator of inequalities, and Edgar Morin, who emphasizes the need for transformative education for life's uncertainties. School neoliberalism is identified as a factor that, by promoting decentralization and privatization, exacerbates the lack of infrastructure and investment in rural schools. The conclusions indicate that educational precariousness in Acre is a result of state omission and the neoliberal logic, which transfers responsibilities and perpetuates inequality. The continuation of classes in inadequate conditions, under the justification of the academic calendar, highlights the disconnect between policies and reality. The article advocates for the need to break free from the constraints of capital so that education can become an instrument of emancipation and full development.

KEYWORDS: Rural Education; Neoliberalism in Schools; Discourses

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em Bujari, no Acre, a realidade educacional de algumas crianças é marcada por desafios que remetem a tempos distantes. Uma escola improvisada em um curral exemplifica essa luta diária. O acesso ao local é por uma estrada não pavimentada, que se transforma em um desafio ainda maior nos dias de chuva. Esta situação foi denunciada em reportagem jornalística apresentada no Programa Fantástico, apresentado com periodicidade semanal, aos domingos a noite, na Rede Globo de Televisão. Tal situação foi replicada, de igual forma, na Plataforma G1.

A estrutura da “escola sem parede” é precária: não há paredes, e o chão de terra batida se torna um lamaçal quando molhado, dificultando a permanência e o aprendizado. A falta de infraestrutura básica se estende à água tratada e encanada, inexistente no local, e à rede de esgoto, que sequer é uma realidade. O banheiro, também improvisado, não possui descarga hidráulica; os alunos usam uma panela com água para esta finalidade.

Em meio a essas adversidades, a dedicação da professora é notável. É ela quem prepara a merenda para os alunos, que, por sua vez, se revezam na tarefa de lavar as panelas e demais utensílios para as refeições, como os pratos, talheres e canecas. Curiosamente, para alguns, lavar a louça se tornou parte do recreio, um reflexo da adaptação a um ambiente com recursos tão precários. A água utilizada para a merenda e no banheiro é cedida por um vizinho solidário, evidenciando o comprometimento da comunidade para a manutenção do atendimento pedagógico destes alunos, que se reúnem, em condições totalmente improvisadas de forma multisseriada.

O QUE DIZEM OS RESPONSÁVEIS

A educação nas áreas rurais do Acre opera por meio de uma parceria entre Estado e Município, uma colaboração essencial para atender às especificidades do campo. A coordenação dessa parceria é de responsabilidade de Rocilda Gomes, também esposa do prefeito e Coordenadora de Educação Rural.

De frente às câmeras de televisão, possivelmente certa da repercussão que o caso teria, Rocilda Gomes afirmou posicionamento contrário à continuidade das aulas na improvisada “escola sem parede” em Bujari. No entanto, ela atribui a responsabilidade pela situação aos pais e/ou responsáveis, alegando que a oferta educacional nesse formato foi uma escolha deles. A coordenadora sugeriu a interrupção das aulas até a conclusão da nova escola municipal, localizada a 10 km de distância do anexo improvisado.

O que não foi dito pela Coordenação de Educação Rural é que, provavelmente, entre não receber nenhum atendimento educacional, com infraestrutura adequada (incluindo, obviamente, mobiliário, material didático, climatização, merenda, rede lógica e internet, equipamentos eletrônicos, refeitório, biblioteca, banheiro, funcionários e professores) e receber com toda esta precarização, os pais clamaram para que seus filhos tivessem este momento de aula.

Por outro lado, Aberson de Souza, Secretário Estadual de Educação do Acre, oferece uma perspectiva diferente. Ele informa que a nova escola, atualmente em obras, poderá ampliar o número de vagas para os alunos e prevê a entrega da construção em 40 dias. O secretário explica que a parceria entre Estado e Município é uma prática em todos os municípios acreanos, justificada pelo alto custo da educação no campo, que ele também denomina “educação da floresta”.

Contrariando a visão da coordenadora municipal, o secretário defende a continuidade das aulas na “escola sem parede” durante o verão. Sua justificativa é o cumprimento do calendário letivo, ressaltando que, no inverno, não há aulas devido às chuvas intensas. Para ele, não há como *“desperdiçar o tempo”* do verão, garantindo assim que o conteúdo seja lecionado. Resta-nos o questionamento: a que custo?

Assim, as aulas na escola sem paredes, sem água tratada, com chão de terra batida e sem funcionários para limpeza e preparo da merenda, serão mantidas.

Em nossa contemporaneidade, a exposição de situações completamente adversas deveria compreender como a tomada de medidas de enfrentamento e não de improvisos, como o caso da pandemia do COVID-19, cumpre, nesta proposta, entender como ponto de atenção o lugar da escola, dos desenhos instrucionais e dos planejamentos pedagógicos para além da oferta de equipamentos. Dos problemas de infraestrutura mencionados nas reportagens

Torna-se urgente a ressignificação do próprio papel que a escolarização teve ou terá para o aluno. Sobre isso, Morin (2015, p. 54) afirma que a escola atual não fornece o viático benéfico para a aventura de vida de cada um. Não fornece as defesas para se enfrentar as incertezas da existência, não fornece as defesas contra o erro, a ilusão, a cegueira. Ela não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e ao próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão sobre a boa vida ou o bem viver. Ela não ensina a viver senão lacunadamente, falhando naquela que deveria ser sua missão essencial. Estabelecer uma leitura crítica tornou-se uma urgência.

EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL E O NEOLIBERALISMO ESCOLAR EM CONTEXTOS RURAIS

István Mészáros, em sua obra seminal “Educação para Além do Capital”, argumenta que o sistema educacional, intrinsecamente ligado à lógica do capital, reproduz as desigualdades sociais e dificulta a emancipação humana. A educação nesse contexto, longe de ser um instrumento de libertação, torna-se um meio para perpetuar a exploração e a dominação. Para Mészáros (2008), uma verdadeira transformação educacional exige o rompimento com as amarras do capital, visando uma sociedade onde o desenvolvimento pleno das capacidades individuais e coletivas seja a prioridade. Isso implica uma reestruturação radical das finalidades, conteúdos e métodos pedagógicos, que transcendam os limites impostos pelas demandas do mercado e do lucro.

Nesse cenário, o neoliberalismo escolar emerge como um fator que intensifica a precarização das escolas, especialmente aquelas localizadas em áreas rurais. Ao promover a descentralização, a privatização e a lógica da eficiência de mercado, as políticas neoliberais transferem a responsabilidade do Estado para as comunidades e famílias, muitas vezes já desprovidas de recursos. O foco em resultados padronizados e a competição entre instituições desconsideram as especificidades e as necessidades das escolas rurais, que enfrentam desafios únicos como a distância, a falta de infraestrutura, a escassez de profissionais qualificados e a ausência de políticas públicas adequadas.

A consequência direta dessas políticas é o aprofundamento da precarização das escolas rurais, que se veem cada vez mais desprovidas de recursos materiais e humanos. A falta de investimentos em infraestrutura, a dificuldade em reter professores qualificados e a ausência de um currículo contextualizado às realidades do campo, contribuem para um ensino de baixa qualidade. Isso perpetua um ciclo de desigualdade, onde os estudantes rurais, já em situação de vulnerabilidade, têm seu acesso a uma educação emancipadora ainda mais cerceado. Dessa forma, o neoliberalismo escolar age como um catalisador das condições que Mészáros (2008) criticava, impedindo que a educação cumpra seu papel transformador e reforce a reprodução das disparidades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação das escolas rurais no Acre, como a “escola sem parede” em Bujari, escancara a urgência de repensar o modelo educacional vigente. As cenas de precariedade extrema, a improvisação no dia a dia e a falta de condições básicas de aprendizado refletem não apenas a omissão do poder público, mas também a influência perniciosa do neoliberalismo escolar. Ao transferir a responsabilidade para a comunidade e priorizar a lógica do custo-benefício, esse modelo agrava as desigualdades e impede que a educação cumpra seu papel transformador, relegando milhares de crianças a um futuro de incertezas e limitações.

É fundamental reconhecer que a precarização das escolas rurais não é um fenômeno isolado, mas sim uma manifestação da lógica do capital que, como István Mészáros argumenta, subordina a educação aos seus interesses. A improvisação e a falta de investimento se tornam “soluções” paliativas que mascaram a necessidade de uma reestruturação profunda do sistema. Diante de um cenário em que a própria coordenadora municipal atribui a responsabilidade aos pais, fica evidente a desconexão entre as políticas educacionais e a realidade vivida por aqueles que mais precisam do amparo do Estado.

Para além das denúncias e das promessas de curto prazo, é imperativo que a sociedade e o poder público promovam uma reflexão crítica sobre o verdadeiro sentido da educação. Inspirados pelas ideias de Edgar Morin, que questiona a capacidade da escola atual de preparar os indivíduos para a “aventura da vida”, é preciso buscar uma educação que transcendia os muros da sala de aula e ofereça as ferramentas necessárias para a emancipação. Somente assim será possível desmantelar as amarras do neoliberalismo e construir um futuro onde todas as crianças, independentemente de sua origem, tenham acesso a uma educação digna e transformadora.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Sem paredes, sem piso e sem água: crianças mantêm os estudos em escola feita em antigo curral no Acre.** 2025. Disponível em: Sem paredes, sem piso e sem água: crianças mantêm os estudos em escola feita em antigo curral no Acre | Fantástico | G1. Acesso em: 27 junho 2025.
- MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital.** SP: Boitempo, 2008.
- MORIN, E. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.